

O PORTO DO PORTO

“O Douro, rio português, possui uma vida própria característica que justifica a sua paisagem marginal e as atitudes da gente que em sua volta trabalha.”

Douro: Faina Fluvial (1931)

A actividade portuária é historicamente vital para a cidade: justifica a sua localização, posicionou-a, deu-lhe relevância na região e no mundo e alimentou o seu desenvolvimento económico e urbano de modo contínuo desde a fixação dos primeiros povoados aos nossos dias. Hoje, esvaziado dessa função de “estrada de água”, o rio Douro é, fundamentalmente, um suporte cenográfico que alimenta um impulso de urbanização onde a relação com o rio é radicalmente diferente dessa condição portuária: passeios turísticos de barco, esplanadas e percursos ribeirinhos, ou novos empreendimentos residenciais de luxo onde antes era armazém, fábrica ou entreposto.

Permanecem ao longo das margens do Porto e de Vila Nova de Gaia os registos construídos acumulados e sobrepostos ao longo de séculos de interdependência com o rio, que vão dos vestígios da cintura medieval, às caves do Vinho do Porto e aos novos condomínios de habitação com vistas exclusivas, passando por todas as infra-estruturas portuárias tornadas obsoletas: os cais de acostagem, a alfândega, os núcleos piscatórios, os armazéns, etc. etc.

Com base nestas evidências construídas que ainda persistem, pretende-se com este trabalho a construção de uma narrativa que permita compreender e informar as transformações nas formas e dinâmicas que ocorrem no Douro pós “Faina Fluvial”. Essas transformações ora são narradas em cronologias quase lineares marcadas por episódios marcantes (a função portuária antes do caminho-de-ferro; as modificações introduzidas pela industrialização; a localização de infraestruturas de transporte e produção de energia; as pontes e travessias, etc.), ora revisitam velhas tendências como a relação entre antigas quintas e casas de vilegiatura e os novos residentes que vieram com a nobilitação das margens do rio.

Deste modo, propõe-se a decomposição desta paisagem, isolando unidades de informação mínimas (como léxias de um hipertexto),

que exemplificam outros tantos processos de mutação ou de obsolescência, consideradas importantes como registo desta transformação. Numa lógica de relação e leitura hipertextual, pelas múltiplas possibilidades de articulação entre os elementos isolados, cada léxia será desenvolvida num formato comum: um desdobrável com a dimensão fixa de uma folha A4. A opção pelo recurso a este meio justifica-se pela facilidade de comunicação, nomeadamente para visitantes e turistas. Ao contrário da comum visita turística - “a distração de ver o que se tornou banal” como refere Debord, sugere-se o percurso que enriquece a experiência estética com chaves de leitura e inteligibilidade urbanas.

Uma “deriva” orientada pela informação de base construída e organizada em fichas independentes. A quantidade e a sequência dos pontos do percurso, entendido tanto como a experiência directa da realidade como a leitura e manuseamento da informação, torna-se assim virtualmente ilimitada. Em cada uma destas unidades de informação cruzam-se documentos iconográficos da época da sua construção, com fotografias do seu estado actual e, nas diferenças entre estas representações, convocam-se questões quanto às suas mutações bem como às dos seus contextos no passado.

No desenvolvimento deste trabalho identificaram-se e enunciam-se até ao momento cerca de meia centena de casos ou de léxias cujos traços ainda são visíveis nos nossos dias. Essas escolhas são muito diversas e tanto se podem centrar num artefacto construído ligado à actividade portuária e que se encontra em sem uso, como num aglomerado sem evidente valor patrimonial em estado de transição, como práticas de relação com o rio que ainda persistem. A perspectiva poderá ser entendida como nostálgica - como se fora um percurso por restos em ruínas evocando memórias de um passado ausente -, mas é sobretudo uma tentativa de compreensão dos mecanismos de mutação destas realidades feitas à luz do conhecimento e das dinâmicas actuais.

por episódios marcantes (a fúria partilhada antes do comêço de terra, as modificações introduzidas pela industrialização, a localização de infraestruturas de transporte e produção de energia; os parques e traversas, etc.), ou revisitar velhas lendas e a relação entre antigos quintas e casas de vilareiros e os novos residentes que vieram com a nobilitação dos margens do rio.

Deste modo, propõe-se a recomposição dessa paisagem, isolando unidades de informação mínimas (como lâminas de um hipertexto), que exemplifiquem outros tantos processos de mutação ou de obsolescência, consideradas importantes como regista desta transformação. Numo lógica de relação e leitura hipertextual, pelas múltiplas possibilidades de articulação entre os elementos isolados, cada lâmina será desenvolvida num formato comum: um ciclo-álbum com o dimensão fixa de uma folha A4. A opção pelo recurso a este meio visualiza-se pela facilidade de comunicação, nomeadamente para visitantes e turistas.

O turismo na cidade do Porto é uma actividade que ilustra bem as transformações urbanas recentes. O cruzeiro (que interrompe o retorno feito por Manuel de Oliveira, desancando um atropelo por carro de boia), introduz hoje, em formato low-cost um movimento de visitantes sem precedentes. O Douro já não é porto

de chegada mas é ponto de passagem obrigatório para o visitante. O percurso marginal, construído pela articulação de plataformas consolidadas em diferentes momentos, é agora contínuo. Os edifícios ligados à estivo actividade portuária vão sendo reconvertidos em centros de visitas e unidades habituais e os arruamentos em empreendimentos de habitação e centros culturais. Como em muitas outras cidades portuárias, desde meados do século passado, o Porto é sobretudo uma waterfront.

Ao contrário do comum visita turística, "o distração de ver o que se tornou local". Como refere Debord, sugere-se o percurso que associa a experiência estética com chave de leitura e inteligibilidade urbanas. Uma "lâmina" orientada pela informação de base construída e organizada em fichas independentes. A quantidade e o sequéncia das paradas do percurso, entendido tanto como a especificação directa da realidade como a leitura e manuseamento da informação, torna-se assim virtualmente ilimitada. Em cada uma destas unidades de informação cruzam-se documentos iconográficos do ápice de sua construção, com fotografias do seu estado actual e nos diferenças entre estas representações, convocam-se questões quanto às suas mutações bem como às dos seus contextos no passado.

Como referência para esta espécie de cartografia geo-geográfica, evoca-se a colacção de mapas das costas e portos de todo o Período Histórico desenvolvidos por Pedro Teixeira Albernaz no séc. XVII para D. Filipe IV de Espanha (El Rey del Mar). Na costa do Porto, ou melhor, do porto do Porto, a imagem resultante é distorcida relativamente ao rigor dos mapas actuais (e mesmo nos do época). A visão oferecida é aquela do viajante que chega por barco: avista-se o Travesseiro da Barra e a construção de rochedos que o dificultam; os diversos ensejos e estaleiros de acostagem até chegar ao Burgo amunilhado contrastando com os pequenos aglomerados construídos ao longo dos seus margens.

No desenvolvimento deste trabalho identificam-se e evocam-se até ao momento cerca de meio centena de casas ou de laços cujos traços ainda são visíveis nos nossos dias. Essas escolhas são muito diversificadas e tenta-se poder contar num artefacto construído ligado à actividade portuária e que se associa em sem esse, como num aglomerado sem evidente valor patrimonial em estado de transição, como pilhas de relação com o rio que ainda persistem. A perspectiva poderá ser entendida como náutica, como se fora um percurso por reais em ruínas evocando memórias de um passado ausente, avós é sobretudo uma tentativa de compreensão dos

mecanismos de mutação destas realidades feitas o laço do conhecimento e das dinâmicas actuais.

Deles cerca de 50 casos foram seleccionados e desenvolvidos. 5 por forma a responder ao tempo e ao programa desse projecto de investigação. Esta escolha justifica-se pela diversidade das nomeativas que nelas se superam (edifícios, lugares, vilarejos, arruamentos...), e na demonstração do legado cruzado do regime de história e da tempo. Pretende-se assim um espaço de efeito de demonstração para validar a estratégia, conteúdos e objectivos do trabalho, e explorar as possibilidades de "hyper ligação" entre os diferentes casos.

Numo perspectiva de continuidade deste trabalho, num outro contexto, juntar-se-ão necessariamente o desenvolvimento de outros casos. Para além desta materialização física numa colacção de fichas independentes separadas, admite-se o acesso de um formato electrónico, acessível via internet. Da manipulação desta informação por leitores e de experiência directa em visitas por eles orientadas, surgirão certamente novos laços e novas questões acerca deste símbolo que interessa compreender num processo claro e dinâmico.



- | | | | | |
|-----------------------------------|--|--|--|--|
| 01 Palácio / Passado de Freitas | 10 Instituto de Vinho do Porto | 19 Serra do Barcelos (Arredondo) | 30 Rio de Gato | 41 Casa do Formoso |
| 02 Quinta de S. João de Aldeia | 11 Alfândega / Armazém Real do Porto | 20 Museu do Vinho do Porto | 31 - Galinheiro | 42 Fundação de São Praxeiro |
| 03 Quinta de Chaves | 12 Praça do Comércio | 21 Planta do Cerro da Moura | 32 Fundação Alameda de Gouveia | 43 Igreja de São João do Porto dos Bernardes |
| 04 P. D. Maria | 13 Igreja de S. Francisco | 22 Ponte da Arrábida | 33 Jardim Central do Cerro da Moura | 44 Igreja de São João do Porto dos Bernardes |
| 05 Ramal dos Castiços / Ferrelhos | 14 Marginal Maria Pia | 23 Ponte da Arrábida | 34 Colégio | 45 Igreja para o Rio Douro |
| 06 S. João de Aldeia | 15 Alfândega Nova | 24 Torre de S. João do Fogo | 35 Casa do Cortiço Real | 46 Alameda |
| 07 P. D. Luís | 16 Casa do Vinho do Porto | 25 Molhe | 36 Casa do Forno de Arrábida | 47 Mosteiro / Quinta do Terreiro do Mar |
| 08 Fátima Ingleses | 17 Casa de Gato | 26 Capela de Santa Catarina e Igreja dos Anjos | 37 Casa de Brindis / Armazém Ingleses | 48 Casa do Montego |
| 09 Palácio do Bulbo | 18 Marginal do Cerro da Moura e Coladela | 27 Rua de S. do Bas Memes | 38 - Vilarejo | 49 Capela de S. Antonio e Jardim do Aquilão |
| | | 28 - Mandarim do Passado dos Vinhos | 39 Casa de Montalvão / Casa dos Palcos | 50 Fundação de Poligono |
| | | 29 - Constante | 40 - Muro dos Barcelinhos | 51 Forno de S. Antonio de S. Joao |



1. Ponte da Arrábida (1827). A.M.M.P.D.P. 1492

PONTE DA ARRÁBIDA

LÉXIA 22

CAPELA DO SENHORA DO ROSARIO

LÉXIA 06

CAIS DO MARÉGRAFO

LÉXIA 48

ALFÂNDEGA NOVA

LÉXIA 15



7. Casa Interactiva desenvolvida no eixo da História e do rio, com referência de planis